

F  
923.1  
M527  
ex.2

ARNON DE MELLO

Senador da República

CHEFES  
DE  
ESTADO

Serviços Gráficos GAZETA DE ALAGOAS

Maceló — Alagoas



**ARNON DE MELLO**

Senador da República

**CHEFES  
DE  
ESTADO**

Serviços Gráficos GAZETA DE ALAGOAS

Maceió — Alagoas

*Discursos do Senador Arnon de Mello no Senado Federal já publicados :*

**Energia Nuclear**  
**Desenvolvimento Científico e Tecnológico**  
**Pesquisa**  
**Emigração de Cientistas**  
**Cientistas-Meninos**  
**Ciência e Democracia**  
**Responsabilidade do Legislador**  
**Vereadores**  
**Pelé no Senado**  
**América Latina: Educação e Progresso**  
**Inquérito parlamentar Sobre Evasão de Cérebros**  
**Legislação Social e Desenvolvimento ( 1930-1964 )**  
**Alagoas, Petróleo e Petrobrás**  
**Resposta ao Senador Edward Kennedy**  
**Comunidade Luso-Brasileira**  
**Brasil, Passado e Presente**  
**Rondon, Telecomunicação e Desenvolvimento**  
**A Transamazônica e o Desenvolvimento do Nordeste**  
**Açúcar: Fator de Equilíbrio da Unidade Nacional**  
**Problemas de Educação**  
**Três Alagoanos**  
**Pensamento e Ação**

---

**outros discursos:**

**UMA EXPERIENCIA DE GOVERNO**

**Livraria José Olympio Editôra — Rio**

Para correspondência e pedidos:

Rua México, 168 — 10.º — Salas 1001/05

Rio de Janeiro

## PRESIDENTE COSTA E SILVA

Sr. Presidente: (\*)

Os eminentes oradores que nesta tarde me precederam na tribuna falaram da personalidade de militar e homem público do Presidente Costa e Silva e da obra que êle realizou como Chefe do Govêrno. Para não repetir quanto disseram — e, por certo, repetir sem o brilho que lhes moldura a eloquência — aventuro-me, Senhores Senadores, não a falar mas a ouvir o Presidente, no testemunho dos que o conhecem, e através de palavras e de atitudes de S. Exa., ditas e tomadas no decorrer da sua vida, tôda ela feita de triunfos, as quais mais nítidamente que as minhas expressões de amigo e admirador lhe retratam a figura humana, evidenciando o homem do povo, o bom brasileiro, o chefe militar e o líder que êle foi, com o grave sentimento do dever presidindo-lhe todos os passos.

Dir-se-ia que retorno aos meus bons tempos de jornalismo para entrevistar não apenas o Chefe da Nação que a fatalidade afastou do Poder mas também a personalidade de S. Exa. no seu desdobramento da infância à maturidade. Havemos de convir em que não me será difícil fazê-lo, sabendo, como sabemos, que o Presidente nunca temeu ser escravo das palavras que pronunciasse, e muito menos tinha vocação para senhor das palavras que silenciasse. Nisso, aliás, se lhe afirmam a consciência limpida e a coragem a tôda prova.

“Minha natureza é de quem nada tem a esconder — confessava êle a um amigo. No exercício da função pública, meu problema é autocensurar-me. Mas eu me esqueço disso, e digo o que sinto. Afinal, nada tenho a recear.”

---

(\*) Discurso pronunciado em 7 de novembro de 1969, em Brasília na sessão do Senado Federal em homenagem ao Presidente Artur da Costa e Silva.

## AUTENTICIDADE

Srs. Senadores:

Entre as qualidades do Presidente Costa e Silva, eu desejaria de início destacar a autenticidade. Seguindo a carreira das armas, escolhida pelo pai, que surpreendera nêle, criança ainda, virtudes de comando, manteve-se Costa e Silva pela vida fora sempre fiel a si mesmo.

O menino desinibido de Taquari está vivo no homem que alcançou os maiores postos na vida militar e na vida política do País. General de Exército, Ministro da Guerra e Presidente da República, não perdeu na ascensão as suas características nem modificou sua maneira de ser.

“Oficial de primeira classe, sempre o primeiro da turma, sem se considerar o primeiro dos homens — dizia dêle um seu colega dos bancos escolares. Se tirar a farda de General e vestir a de aluno do Colégio Militar, é a mesma pessoa, o mesmo temperamento. Quando olho para êle, parece-me ver o antigo colega de companhia, dos tempos do Colégio Militar.”

## TAQUARI

Quando, já Presidente, foi a Taquari, cidade gaúcha em que nasceu, hospedou-se na casa da tia, muito grande e bem antiga, e, alegre, convidou amigos para o acompanharem na visita à pia em que se batizou. A criança travêssa dos bons tempos de Pai Aleixo revivia no olhar e no sorriso do Presidente, mesmo cheio de responsabilidades.

No churrasco que lhe ofereceram, foi saudado por um velho amigo de bombachas que recordou episódios dos tempos de infância.

Em seu agradecimento, muito emocionado, disse o Presidente, como a recordar-se do menino de chapéu de jornal na cabeça que, montado num petiço, livre de quaisquer limitações, invadira, quebrando tudo, a casa de negócios de um amigo de Pai Aleixo:

— Sinto-me aqui livre tal um passarinho fora da gaiola.

## NO QUARTEL

Como em Taquari, ficava sempre muito feliz ao entrar num Quartel, que lhe lembrava a segunda fase da sua vida. Quando, Presidente da República, fêz uma viagem ao Amazonas, passou pelo Quartel e quis conhecer tôda a oficiali-

dade. Formada esta, avistou no fundo do salão um tenente que não se aproximava. Dirigiu-se a êle, perguntou-lhe o nome e a função. Era o farmacêutico, que modestamente se deixara ficar mais atrás. Sentindo-lhe o embaraço, o Presidente o cumprimentou cordialmente, como um companheiro de farda.

### VOCAÇÃO REVOLUCIONARIA

A chama revolucionária, que lhe vinha do avô e do pai, fundadores da República, ao lado de Assis Brasil, Ramiro Barcelos, Barros Cassal e Demétrio Ribeiro, nunca se apagou nêle, iluminando o seu destino desde os vinte anos, quando, Tenente recém-saído da Escola, tentava em 1922 levantar a Vila. Militante da conspiração para o 5 de julho de 1924, foi preso ao lado de Cordeiro de Farias, quando promovia a rebelião da tropa, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul.

Na Revolução de Trinta, era de vê-lo, a 24 de outubro, conduzindo a bandeira nacional à frente da vanguarda do 3.º Regimento de Infantaria, do Rio, que marchava para ocupar o Palácio Guanabara, então residência do Presidente da República, que, embora deposto, ainda se mantinha irredutível na resistência aos vitoriosos.

### REVOLUÇÃO DE 30

E como lhe tinha sido difícil chegar até o 3.º R.I.!

No dia 2 de outubro, quando completava 28 anos, concluíra o curso da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, alcançando o primeiro lugar da turma e conquistando o prêmio de viagem à França. A vitória fôra notável, a julgar pelos têrmos da nota do diretor de estudos da Escola, a seu respeito:

“Oficial brilhante, culto, sério, extremamente dedicado aos seus afazeres profissionais, alcançou o primeiro lugar da turma pela sua atuação eficiente e destacada. Acompanhou com o maior interêsse todos os trabalhos do curso, participando dos mesmos com brilhantismo e grande proficiência. Produziu trabalhos caracteristicamente pessoais. No terreno, deu provas de capacidade de comandar e desenvolvido espírito de iniciativa. Satisfez todos os requisitos de um excelente instrutor. Grau de aptidão e comando: 9.00.”

### FIEL AO IDEAL

Mas o triunfo na Escola de Aperfeiçoamento não o afastara do ideal. Esperando para qualquer momento a eclo-

são revolucionária, saiu no dia seguinte de sua casa na Vila Militar para levar a esposa à residência do seu pai, que morava em Niterói, e confiá-la à sua guarda enquanto ele participasse da luta armada. Em Niterói, encontrou-se com Napoleão de Alencastro Guimarães, e combinaram irem juntos para o 3.º RI, de cujo comandante, comprometido com a Revolução, eram amigos. Mas a esse tempo já o Governo tomara providências de defesa, e lhes seria impossível utilizar a barca do horário. Firmemente decididos a participar do movimento armado, alugaram, então, aparentemente para um ligeiro passeio, o frágil barco de um alemão que nunca se animara a distanciar-se muito da praia. E no seu entusiasmo revolucionário, obrigaram-no a atravessar com eles a Baía de Guanabara até a Praia Vermelha.

— “Vamos todos morrer! — gritava o alemão — o barco não resiste a travessia!”

— Confiemos em Deus! — respondiam os jovens militares. Vamos chegar bem.

E chegaram, mas depois de momentos do maior perigo.

## A REVOLUÇÃO DE 64

Comandava em 1961 a 2.ª Divisão de Infantaria, em S. Paulo, quando, promovido a General-de-Exército, foi nomeado Comandante do IV Exército, no Nordeste. Aí o colheu em agosto a crise da renúncia do Chefe da Nação, com a posse no Governo do Vice-Presidente da República. Os acontecimentos que se sucederam logo o levaram a uma posição definida contra a ordem de coisas então instaurada. Valeu-lhe tal atitude a perda do Comando do IV Exército e a transferência em 28 de setembro de 1962 para a chefia do Departamento Geral do Pessoal e, no ano seguinte, porque se tornasse inconveniente ao Governo sua presença aí, para a Chefia do Departamento de Produção e Obras.

Ante os desacertos do Presidente da República, reacendera-se-lhe a chama revolucionária. E retornou à conspiração com o mesmo sentimento do dever para com a Pátria que o conduziu em 22, 24 e 30. Ao lado de Castello Branco e de outros companheiros, articulou as Forças Armadas para a resistência ao caos. E a 31 de março de 1964, assumiu o Comando Militar da Revolução, empossando-se no próprio Ministério da Guerra quando o Presidente João Goulart, embora já sem poder algum, ainda estava no Palácio Laranjeiras.

— Ninguém o excede em espírito de decisão rápida — dizia dele o Marechal Castello Branco.

## SENTIMENTO DA LIBERDADE

Nêsse lance de sua vida, como nos outros, dominou-o sempre o sentimento da liberdade. Como êle mesmo confessou, através da narração de episódios verificados nos primeiros tempos da vitória, ter-lhe-ia sido fácil tornar-se ditador. Entretanto, nêle falou mais alto o espírito democrático. "Deus mesmo não tem o direito da tirania" — dizia o filósofo inglês Godwin.

Ministro da Guerra, sua preocupação foi manter a ordem a fim de a Revolução poder realizar a sua obra.

Candidato lançado pela ARENA, já absolutamente certo de ser eleito pelo Congresso, ainda assim, como se dependesse a sua eleição do sufrágio universal, percorreu todo o País, defendendo idéias e debatendo problemas, pois — frisava, na sua autenticidade — queria basear o seu govêrno no apoio popular.

Presidente da República, procurou conciliar a Revolução com o regime democrático, evidenciando aquelas qualidades civis que Napoleão destacava como essenciais ao General em missão de govêrno. Assumiu o Poder animado realmente do propósito e com o empenho de restaurar o pleno exercício da democracia. Era, aliás, um defensor indormido da Constituição. As 36 emendas, que, no Congresso, a ela foram apresentadas nos dois primeiros anos do seu mandato, ou foram rejeitadas ou não tiveram andamento por intervenção sua, direta, junto às lideranças parlamentares do Govêrno.

## COMPREENSÃO E BONDADE

A êsses traços pessoais — autenticidade, simplicidade, espírito democrático, desassombro pessoal e cívico — juntam-se em Costa e Silva a capacidade de compreender, a bondade do coração, as qualidades humanas. Amigos dêle, mais chegados à sua convivência, narram episódios de seu sofrimento quando precisava tomar decisões em que se impunha "colocar o coração na cabeça".

Nos albores da Revolução de março, sob o regime dos AI 1 e 2, foi o primeiro a defender que, em casos de punições, a família não pode responder pelos atos dos punidos.

## PACIÊNCIA

Bem me recordo de quando, sem o conhecer, pela pri-

meira vez com êle estive, no Ministério da Guerra. Sua candidatura à Presidência da República, lançada por amigos, ainda não tinha recebido o beneplácito do Partido.

— Eu não pretendia ser candidato — disse-me, de comêço — mas, como o Marechal Castello Branco instituiu sua incompatibilidade, aceitei a indicação dos amigos a fim de não deixar vazio o lugar, e defender os ideais da Revolução.

Aludi à imagem que dêle se criava na opinião pública pela paciência com que recebia críticas e atitudes contrárias aos seus desígnios.

— Paciência eu tenho — declarou-me —, e tanta que esgotarei, com a minha, a paciência dos outros.

E ainda:

— Ninguém me fará brigar com o Presidente Castello Branco, de quem sou amigo há quarenta e cinco anos. Castello não ama atacar, mas contrataca muito bem. Como eu não o atacarei, não há perigo de incidentes entre nós.

## ESTUDANTES

Antes da posse no Govêrno, impressionado com as reivindicações estudantis, resolveu o Presidente Costa e Silva ir à Universidade de São Paulo para pessoalmente discutir com os jovens os seus problemas.

Saiu-se muito bem do teste o Presidente. E aos companheiros manifestava sua admiração pela acuidade mental e maturidade dos estudantes, desejosos de participar da vida política e administrativa da Nação. Considerava a necessidade de um maior entrosamento entre os estudantes e o Govêrno, e só lamentava que profissionais do extremismo, envolvendo-os, procurassem envenenar o seu idealismo e desvirtuar suas aspirações.

## PASSEATA

Os primeiros meses do seu Govêrno foram marcados pela agitação estudantil. Lembro-me a êsse respeito de um episódio significativo da personalidade do marechal Costa e Silva. Pedi ao Presidente uma audiência, e êle a marcou para a tarde mesma da grande passeata de estudantes na Guanabara, à qual se juntariam artistas, padres e freiras. Na véspera, o Presidente recebera uma comissão dos estudantes cariocas promotores da passeata. Os jornais davam destaque à audiência, citando frases de bom humor do Presidente na conversa com os jovens. A passeata se realizaria com a garantia do Govêrno — assegurou-lhes.

Recebido nessa tarde pelo Presidente, felicitei-o pela atitude, acreditando que com ela diminuiria as tensões e liquidara o *supense* provocado pelos boatos de violências policiais, o que, em última análise, esvaziaria de maior importância a passeata.

— Amigos meus — respondeu-me — desaconselharam-me de receber os estudantes, alegando que isso diminuiria minha autoridade. Mas eu o fiz, e creio que agi certo.

E, depois de uma pausa:

— Ouço muitas opiniões, mas sigo uma voz interior que me acompanha e me aconselha sempre bem, nas horas de decisão.

Realizava-se naquele momento a passeata no Rio. Dois telefonemas recebeu, então, o Presidente: do Ministro da Justiça e do Governador da Guanabara. O último desanuviou-lhe a fisionomia.

— O Negrão me diz — fala-me, colocando o fone no gancho do aparelho — que a passeata terminou sem incidentes maiores, embora alguns excessos de agitadores que, não sendo estudantes, no meio dêles se metem para servir ao extremismo.

E acrescenta:

— É preciso que se saiba que a Revolução está muito forte. Empenho-me, entretanto, em persuadir para evitar atitudes violentas.

## COM OS MINISTROS

De outra feita, declara-me, referindo-se à reforma do Ministério:

— Tenho um verdadeiro complexo: não praticar injustiças.

E defendia que determinados Ministros seus não mereciam as críticas que lhes faziam. A culpa não era dêles, mas do obsoletismo do aparelho ministerial que não lhes permitia atuar, resistindo a todos esforços de qualquer Ministro, por maiores que fôssem sua inteligência e capacidade.

Ainda nesse dia, falou-me do êxito da política financeira do Governo, e aludiu às providências que tomou contra a inflação.

— Determinei cortes drásticos nas despesas do Governo para conter a inflação.

E, declarando que naquela tarde um Ministro muito seu amigo se entristecera porque êle não restaurara verbas do orçamento de sua Pasta incluídas no plano de economia:

— Eu lhe disse: não fique triste, pois não durmo quando o vejo triste, mas não posso ceder.

## RESISTIR

Encontrei o Presidente pela última vez em julho de 1969, numa homenagem prestada no Hotel Nacional ao General Jayme Portela e à qual compareceram numerosos parlamentares. Já lá estávamos todos quando entra o Presidente e se dirige ao ponto onde nos encontrávamos, os parlamentares. Tinha a fisionomia aberta num sorriso feliz.

Alegre, expansivo, conversa sobre assuntos vários. Alguém fala de política. O Presidente fica sério. Lembro-lhe a frase de Albert Camus, citada por Milton Campos e que o Presidente repetira pouco tempo antes.

— “O Poder no século XX é triste” — digo.

— É triste, realmente, — acentua o Presidente.

E logo depois:

— Governar é resistir. Desde pela manhã, todos os dias, não faço senão resistir. As pressões são fortes, e de toda ordem. Penso com satisfação no dia em que deixar o Poder para, como o General Eurico Dutra, ser chamado ex-Presidente.

## CATÓLICO PRATICANTE

Católico praticante, o Presidente ia todos os domingos à Missa das 10,30 horas da Igreja do Colégio Dom Bosco, nesta Capital. Certa vez, sentou num lugar vazio de um banco, entre uma Senhora e um menino.

— “Este lugar é de meu pai” — reclamou o garoto.

— E onde está seu pai? perguntou-lhe o Presidente.

— Ainda não chegou mas chega já.

— Pois bem, quando êle chegar eu lhe cederei o lugar.

O Presidente ouvia os sermões com a maior contrição, e comungava todos os domingos, fazendo questão de ser sempre o último da fila.

## OREMOS PELO NOSSO PRESIDENTE

Senhores Senadores:

Emociona-me o lembrar mas não devo omitir o episódio.

O Presidente adoeceu no dia 29 de agosto, e no dia 30 deixou Brasília com destino ao Rio. Era um sábado.

No domingo, dia 31, na Igreja do Colégio Dom Bosco, desta Capital, o relógio marcava 10,30 horas da manhã e a missa já começara. A Igreja estava cheia mas faltava alguém para completá-la. Faltava o Presidente. Na cidade, sabia-se de sua viagem ao Rio mas poucos o sabiam enfermo.

Foi senão quando, na hora da oração dos fiéis, uma voz se eleva com um timbre desusado, carregado de sentimento, a voz de um homem do povo, que se ergue e diz, alto e com emoção, fora do texto da missa:

“Oremos pelo nosso Presidente Costa e Silva que está muito doente na Guanabara.”

Todos os fiéis, homens, mulheres e crianças *una voce*, tocados pela emoção mais profunda, repetem :

“Oremos pelo nosso Presidente Costa e Silva que está muito doente na Guanabara.”

O homem do povo, que naquele momento interpretou o sentimento da Nação, somente conhecia o Presidente de vista, porque frequentador da mesma Igreja.

## DEMOCRACIA E REVOLUÇÃO

Referi de início a autenticidade do Presidente Costa e Silva, fiel a si mesmo, o ânimo revolucionário sempre vivo através dos anos.

Aqui narrei diversos episódios que falam melhor que ninguém da sua personalidade nos diversos planos em que êle atuou.

Estimaria concluir agora êste discurso lendo palavras do Presidente, pronunciadas a 16 de março de 1967, dia seguinte ao de sua posse e na Primeira Reunião do seu Ministério, quando terminou invocando a Proteção Divina para cumprir sua missão:

“De quanto acabo de afirmar, deve-se concluir que o exercício da democracia é, desde já, um dos postulados do meu Governo.

Porei o máximo de esforço pessoal a fim de levar a cabo a missão que se impôs o meu insigne antecessor, missão tanto mais áspera quanto — se nela bem atentarmos — logo lhe acharemos como cerne esta dificuldade: conciliar as inevitáveis exigências do convívio democrático e as severas ne-

cessidades da Revolução. Revolução que, havendo salvo o País da subversão, do despotismo e do caos, não podia nem pode ser malbaratada, posta de lado, como traste desgastado e envelhecido antes do tempo, perdida para sempre de roldão com os esforços, os sacrifícios e os inúteis dispêndios das esperanças do povo.

Tenho plena consciência das dificuldades que me saltearão, cada dia, em cada trecho do caminho. Entre elas, assume vulto de extrema gravidade o meu dever de prosseguir, sem desvios nem vacilações, na rota iniciada. Por essas palavras quero significar a obrigação, que me corre, como responsável pelo Governo, de manter o País entregue ao seu destino democrático e, ao mesmo tempo, resguardar e defender, denodadamente, todo o acervo das conquistas revolucionárias, evitando que tenhamos de enfrentar os mesmos riscos de 1964.

Estou seguro, no meu civismo de brasileiro e na minha responsabilidade de governante, de que me cabe impedir, por todos os meios, aquilo a que muitos aspiram, às claras ou sob capa de defender a democracia — a restauração. Isso não ocorrerá, pois o Governo é um compromisso com a Revolução, nas suas idéias, nos seus princípios, na sua nova mentalidade.

A todos lembro que, de minha parte, declarei no meu discurso de agradecimento ao Congresso Nacional, no dia de minha eleição: “Eis por que assumi com a Revolução um sagrado compromisso e, assim como fui um dos chefes, dela se-rei, no Governo, representante e delegado.”

Continuaremos o trabalho iniciado há três anos. Os métodos poderão ser outros, mas os objetivos os mesmos. Não descansaremos.”

**Senhor Presidente:**

As palavras que acabamos de ouvir confirmam o Presidente Costa e Silva no seu amor à Democracia e na sua fidelidade à Revolução. E confirmam especialmente o homem de Governo consciente de sua imensa responsabilidade perante o povo e perante a História.

O Presidente Costa e Silva não faltou aos compromissos que assumiu e nunca enganou ninguém.

## OLIVEIRA SALAZAR

LISBOA (\*) — Minha audiência estava marcada para as 11,30 da manhã, no Palácio do Congresso, o antigo Convento de S. Bento da Saúde, remodelado por Salazar, que aí instalou a Presidência do Conselho de Ministros. À entrada, um automóvel não me chamaria a atenção se meu chauffeur não me informasse:

— É do Dr. Salazar.

Anuncio-me. O porteiro avisa lá para cima, pelo telefone:

— Está aqui um brasileiro que tem hora marcada.

Volta-se, amável, e, para que eu não espere, dispõe-se êle mesmo a acompanhar-me ao primeiro andar. Atravesso um amplo hall e sou depois introduzido numa pequena sala de espera, onde vem buscar-me um dos secretários do Presidente do Conselho.

Ah! as fotografias! Salazar está de preto, como sempre, mas aparece risonho desmentindo a sizudez com que os clichés geralmente o apresentam. Seu gabinete de trabalho não é, como o de Mussolini, aquela sala quilométrica, feita de propósito para que o ditador prudentemente tenha tempo de observar o visitante, de sentir-lhe o humor e perceber-lhe os propósitos antes de dirigir-lhe a palavra e ouvir-lhe a voz. É um dos menores compartimentos do edificio. A mesa de Salazar fica a três ou quatro metros de distância da porta, se tanto. O ar do presidente nada tem de marcial e arrogante como o dos ditadores europeus mais em voga. É afável, simples, e, sob êsse aspecto, se não fôsse Salazar, poderia ser o português atencioso a quem na rua

---

(\*) — Entrevista realizada no dia 16 de setembro de 1939, em Lisboa, quando o então jornalista Arnon de Mello representou a imprensa brasileira como membro da comitiva do Presidente de Portugal, General Oscar Carmona, em sua viagem a África.

pedi hoje uma informação e que m'a forneceu com encantadora gentileza. Ainda em referência aos ditadores atuais, é interessante notar-lhe as diferenças. Chegou ao poder sem fazer demagogia e aí se mantém sem promover agitações e pensar em conquistas. Contra o comunismo, não aderiu a pactos de aço. Instituidor de um regime de autoridade, volta tôdas as suas simpatias, em face da Europa em guerra, para os países democráticos.

\* \* \*

Meu excelente amigo Embaixador Araújo Jorge, que trabalha como poucos pela maior aproximação de Portugal e do Brasil e que solicitou a audiência para mim, ao comunicar-me a hora da mesma, acentuou:

— Pedi-a para você como brasileiro e não como jornalista. Não deve fazer-lhe perguntas.

E na manhã da audiência ainda me falava:

— Não lhe faça perguntas.

Salazar, nos seus doze anos de Poder, tem dado entrevistas sem conta. A êsse tranquilo chefe de govêrno, nesta ponta da Península Ibérica, chegam perguntas de todos os cantos, que êle responde sempre de boa vontade. Mas a guerra na Europa, elevando o custo da vida, encareceu também a palavra dos homens públicos. E Salazar, que faz em Portugal a política da economia a todo transe mas nunca fez economia de opiniões — das suas opiniões dadas sempre com franqueza através de notas oficiais, de discursos e de entrevistas — estendeu a êsse setor os seus métodos de administração.

— Não lhe faça perguntas.

Goethe considerava que a liberdade era tão forte que os próprios ditadores vinham da necessidade que sentiam de absorver a liberdade dos outros. Ora, desfazendo-me da liberdade de encaminhar a conversa, eu concordaria com o ponto de vista goetheano mas faria uma experiência realmente interessante: entrevistar sem perguntar. Guardei assim muito bem guardados todos os meus pontos de interrogação e tranquilizei o nosso brilhante embaixador.

Salazar é, ao mesmo tempo, Presidente do Conselho, Ministro da Guerra, Ministro das Finanças e Ministro dos Negócios Estrangeiros, postos a que foi sucessivamente chamado em momentos difíceis, quando problemas graves exigiam uma responsabilidade maior para as soluções. São os

casos mais diversos que se submetem á sua deliberação. A vida nacional depende dos seus atos. Acresce que não se trata de homem que apenas aponha sua assinatura em papéis e olhe as coisas por alto. Tudo lhe merece estudo e reflexão: mesmo assuntos que a outros pareciam baratos, Salazar dá-lhe valor. Está ao corrente de quanto se passa pela administração pública. E, em matéria de despesas, controla-as tôdas, por menores que sejam. Disse-me Antonio Ferro que as contas do Secretariado de Propaganda Nacional são sempre submetidas ao seu exame e às vêzes voltam com riscos de lápis vermelho. É Salazar que indaga. Vai-lhe o esclarecimento e retornam os papéis com indicações como estas, escritas de seu punho: “Está bem” ou “Foi excessivo”, “Não convém”. Mas, tão minucioso e econômico, nunca recusa gastos com fins culturais.

\* \* \*

Para poder exercer atividade tão intensa e tão larga, concentrando a bem dizer em suas mãos todos os comandos da Nação, Salazar faz uma vida inteiramente á parte dos sete milhões de portugueses. Os oito anos de Seminário deram-lhe para isso a conformação necessária. Os papéis são quase as únicas vozes que ouve. Recebe pouquíssimas pesquisas, não vai a festas, não faz passeios. Vive entre a sua casa de celibatário e os gabinetes de trabalho. Seu único divertimento é ensinar as primeiras letras e os números a humilde criança de sete anos de idade, filha de uma lavadeira.

Por que vive assim, fugindo ao contacto do mundo? É Salazar mesmo quem esclarece:

— Em primeiro lugar, não tenho tempo a perder, pois o meu tempo eu o dedico todo ao serviço do Estado. Depois, se fôsse receber quantos me procuram, além de não poder trabalhar, não estaria tão á vontade para decidir as questões que chegam ao meu exame. Gosto de resolver os casos calmamente, com raciocínio, pesando os prós e contras das alegações escritas. Fôsse eu ouvir os que neles têm interesse e já não se seriam dados o mesmo ambiente e a mesma independência para solucioná-los.

Distante da vida comum dos mortais, amando pouco a rua e vivendo sozinho numa casa em que são raros os estranhos que entram, Salazar tem uma de suas fontes de informações mais preciosas nas cartas que recebe e que lê

cuidadosamente. Quem quiser levar-lhe alguma queixa ou fazer-lhe algum pedido, não necessita audiência: basta escrever-lhe.

\* \* \*

Um homem com tão grandes preocupações, com tantos e tantos assuntos a cuidar, que assunto terá para o jornalista que não lhe deve fazer perguntas? Em outro tempo, não saberia eu dizê-lo. Agora, porém, que nos batem às portas as comemorações centenárias de Portugal, está indicado o ponto de partida da conversa.

— Garanto que vai falar-me das festas do centenário — digo de mim para mim.

E Salazar começa, de fato, interrogando-me a respeito, com uma cordialidade nada ditatorial:

— Que me diz do interesse provocado no Brasil pelas comemorações? Que representação nos mandará seu país?

E a seguir:

— Esperamos com viva satisfação a visita do Presidente da República do Brasil e, caso não possa vir, contamos com a representação do Governo, do Exército, da Marinha, das classes intelectuais. As comemorações são de uma história quase tôda comum.

Salazar compreende e sente o Brasil. Para êle, que divide os amigos em amigos e “amigos”, nós somos os verdadeiros amigos de Portugal, confundindo-se os dois Países por um mesmo passado.

\* \* \*

É curioso como Salazar venceu. Sua vitória é feita de contrastes. Não é a vitória de um político, porque êle não age como tal. Sem indagar das idéias que o norteiam, verifica-se que atua dentro da mesma linha de conduta e adotando os mesmos métodos de quando assumiu o Poder. Não faz concessões nem transige. E se o querem forçar a isso, costuma dizer que possui sempre reservada a importância da passagem de trem para sua cidadezinha — a Santa Comba Dão, que os portugueses chamam também Santa Comba tira, pelo espírito de poupança que Salazar imprimiu à administração.

O Chefe de um Governo, para ser autêntico, há de possuir as qualidades e defeitos do seu povo. Se-lo-á Salazar? Portugal habituara-se a ver à frente dos seus destinos homens que lhe satisfaziã as vontades antes de pesar-lhe os interesses, e Salazar parece que timbra em contrariá-lo. Portugal pelo seu grande passado mostra-se um admirável perdulário, e Salazar lhe impõe um regime de severa economia. Portugal estima o imediato, e Salazar pensa no futuro. Portugal é exaltado, sentimental, e Salazar é refletido, cerebral. Portugal ama a aventura, e Salazar é a medida, a realidade. Não é de cavacos, nem de amigos nem de camaradas, nem de colegas de infância e de turma. Constitui até certo ponto um antítese de Portugal, sobretudo do Portugal das grandes casas desdobradas em amplos salões, do Portugal livre, de imaginação e de sonho, que se estendeu pelas cinco partes do Mundo.

Digo isso a Salazar e êle sorri:

— Realmente, tem razão.

E depois:

— O português — e o brasileiro talvez seja também assim — é um povo volúvel, amante das modificações, da instabilidade. No governo, estabeleci normas rígidas de administração, até agora mantidas. Por outro lado têm permanecido nos cargos mais ou menos os mesmos homens.

Já se teriam habituado os portugueses a êsse regime de disciplina e moderação? Salazar é quem esclarece:

— Sob certos aspectos, acho difícil que se possam fazer maiores mudanças. O método que adotei de esclarecer a Nação sôbre todos os atos do Governo não pode, por exemplo, ser abandonado.

Salazar, que possui extraordinária fôrça moral, é olhado com apreço pelos portugueses.

— Êsse apóio me desvanece — diz, a propósito.

E faz uma pausa para frisar, risonho:

— Mas tenho também adversários.

\* \* \*

Se Salazar não fôsse homem de Estado e professor de Direito, seria jornalista, teríamos nêle fatalmente um entrevistador. Já me fez várias perguntas: — sôbre a viagem à África, sôbre o Brasil, sôbre a nossa vida jornalística. Interessa-o particularmente a organização do ensino em nosso País.

— Em quantos anos se faz lá o curso secundário?

— E o superior?

Recorda Coimbra, depois de saber que sou bacharel em Direito:

— Deve ter notado em sua vida como é útil o curso de Direito. Ele nos dá uma visão mais segura e mais nítida das coisas, seja qual fôr a carreira que adotemos. Nas funções que exerço, quando tenho de tomar uma decisão, vejo que são os meus estudos jurídicos que mais me auxiliam a compreender para julgar. O curso de Direito dá-nos um plano, uma orientação da qual não saímos mais.

“Govêrno de lentes” — dizem do govêrno de Salazar. Não responde êle aqui à objeção?

A conversa caminha para o fim e vai dar nas revoluções do Brasil. Salazar diz que conheceu alguns dos nossos patrícios exilados.

— Conheci o Dr. Arthur Bernardes e com êle palestrei várias vêzes. É um homem de bem, muito brasileiro, muito nacionalista.

E, rematando:

— Aqui residiram muitos exilados e de todos nunca tivemos nada que dizer. Portaram-se sempre como cavalheiros.

## **Í N D I C E**

<b>Presidente Costa e Silva . . . . .</b>	<b>3</b>
<b>Oliveira Salazar . . . . .</b>	<b>13</b>

Senado Federal



SEN00035079